

Do ancoradouro da senzala até a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Recife : perfil e condição dos irmãos no auge da mineração do Brasil (1718–1728).

From the slave quarters to the Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Recife: profile and condition of the brothers at the height of mining in Brazil (1718–1728).

David Vinícius de Melo

RESUMO

O presente artigo busca discutir sobre o processo de entrada africanos no porto do Recife e sua relação com a irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Freguesia de São Pedro Gonçalves que englobava no recorte desta pesquisa, os atuais bairros do Recife e de Santo Antônio. Analisaremos nesta pesquisa qual era o perfil das pessoas escravizadas que ingressaram na irmandade entre os anos de 1718-1728, buscando uma aproximação a questões de condição dos irmãos do Rosário.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão, Irmandade, Resistência e História Colonial

ABSTRACT

This article seeks to discuss the process of African entry into the port of Recife and its relationship with the brotherhood of the Rosário dos Homens Pretos in this same region. We will analyze the profile of enslaved people who joined the brotherhood between the years 1718-1728 with a focus on defining the question of condition of the brothers of the Rosário.

INTRODUÇÃO

No contexto do Brasil colonial, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos desempenhou um papel significativo na vida dos africanos escravizados, funcionando como um espaço de sociabilidade, religiosidade e resistência dentro de uma sociedade que tinha como esteio a escravidão. Entre as décadas de 1720 e 1730, período que coincide com o auge da mineração no Brasil, a cidade do Recife e seu porto tornaram-se pontos estratégicos de entrada para africanos trazidos ao Novo Mundo, muitos dos quais encontraram na Irmandade do Rosário uma forma de preservar suas identidades e estabelecer redes de solidariedade.

Este artigo examina, a partir do livro de entrada e saída de irmãos¹ O processo de inserção desses africanos escravizados na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Freguesia de São Pedro Gonçalves, área que, na época, abrangia os atuais bairros do Recife e Santo Antônio. A pesquisa pretende compreender o perfil das pessoas

¹Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838.

escravizadas que se integraram à irmandade, com ênfase na questão de condição social, ou seja, se eram escravizados ou libertos, se eram brancos ou pessoas de cor. Ao explorar essas dinâmicas, este estudo contribui para uma compreensão mais ampla das relações sociais e religiosas dentro das comunidades afro-brasileiras no Recife colonial, lançando luz sobre a complexa interação entre escravidão, religião e resistência.

Neste artigo, adotamos uma abordagem metodológica que integra o método indiciário de Carlo Ginzburg, com análise quantitativa sobre os assentos de matrícula dos irmãos a fim de explorar tanto os padrões coletivos, quanto as nuances individuais presentes no grupo estudado.

O método indiciário será utilizado para a análise detalhada de fontes primárias que foram as atas de entrada e saída de irmãos do Rosário. Esta abordagem nos permitirá identificar pequenos indícios que podem revelar motivações subjacentes, relações de poder informais, e outros aspectos sutis que não são evidentes em uma análise mais abrangente. Através da leitura atenta desses "indícios", buscamos reconstruir uma realidade social mais complexa e multifacetada, evidenciando as peculiaridades que marcam a trajetória dos indivíduos dentro do grupo estudado.

Simultaneamente, utilizaremos os dados obtidos com a análise quantitativa para mapear as características comuns dos membros do grupo em questão. Serão coletados dados relativos à origem social, ocupação, condição, e conexões familiares dos indivíduos. A análise sobre esse perfil nos permitirá identificar padrões e tendências que caracterizam o grupo como um todo, facilitando a compreensão das dinâmicas coletivas e das estruturas sociais que permeiam a comunidade estudada

A integração desses métodos permitirá uma análise multinível, onde as tendências coletivas reveladas serão complementadas pelos detalhes individuais desvendados através do método indiciário. Dessa forma, será possível não apenas compreender as características da irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Recife, mas também desvendar as particularidades e as exceções que conferem complexidade à dinâmica interna da comunidade. Essa abordagem combinada nos proporcionará uma visão mais rica e detalhada do objeto de estudo, permitindo uma interpretação mais robusta dos fenômenos sociais analisados.

No entanto, primeiramente analisaremos a historiografia que tratou sobre a temática da irmandade do Rosário em Pernambuco, dando foco às pesquisas que tiveram como objetivo desvendar o cotidiano da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos em Pernambuco colonial e imperial.

1.0 A historiografia sobre a Irmandade do Rosário em Pernambuco

A irmandade do Rosário dos Homens Pretos foi uma importante associação católica no mundo Atlântico, vinda de Portugal, encontrou território fértil na colônia, atraindo negros à devoção ao Rosário. O presente trabalho se propõe a estudar essa importante organização social do século XVIII e como essa instituição estava inserida na sociedade do Brasil oitocentista, constituindo, para além de um instrumento de dominação colonial, um espaço de construção de liberdades e resistência. A historiadora Julita Scarrano, em sua obra *Devoção e Escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no distrito Diamantino no século XVIII*, considerada uma literatura clássica sobre esse tema, não oferece uma explicação clara de como Nossa Senhora do Rosário passou a ser considerada a protetora dos homens pretos ou de cor. Sabe-se que seu culto veio com a colonização através dos proselitistas dominicanos, e que se tornou popular tanto na colônia como na metrópole: “*que lhe deram o título do Rosário, que he com que hoje ao presente he buscada & servida dos seus devotos pretinhos*”². Na colônia, essa confraria ganhou ainda mais corpo e notoriedade, erigindo igrejas suntuosas e arrebanhando muitas almas para devoção ao Rosário.

Para o dissabor das irmandades brancas, os pretos foram se juntando ao ponto de se tornarem grupos fortes *ao sabor das circunstâncias* e construiu importantes organizações, reconhecidas pelo rei, e postulantes às suas mercês. Essa organização oferecia aos seus membros associados uma série de proteções, inclusive depois de mortos. Um dos principais serviços que a irmandade oferecia aos seus congregados era o de um funeral decente, segundo os padrões católicos, com missas póstumas. Diante da falta desses serviços funerários na colônia, sobretudo aos escravizados, as irmandades representavam uma segurança para o irmão ou irmã. Num documento de uma irmandade do Rosário, este cuidado é expresso de forma clara:

Em morrendo algum irmão ou irmã, ou filhos menores, indo na tumba se ajuntará a Irmandade nesta Santa Casa para que saião em ordem acompanhando a cruz com suas [vestes] brancas e velas, juntos todos virão com muita compostura [ilegível] a casa do tal irmão ou irmã onde estiver o seu corpo [nesta] vila e o acompanharão até a Igreja aonde foram enterrados os irmãos que morreram no ano em que e estiverem servindo de oficiais serão enterrados com toda a irmandade que para isso se dará [parte?] e a todos os irmãos que morrerem pretos como brancos ou de outra condição se lhe dirá uma missa pela sua alma no altar [ilegível] de Nossa Senhora do Rosário e todos os irmãos e irmãs serão obrigados a se rezar por sua alma um Rosário inteiro cada um, o mesmo fará a irmã em sua casa tanto que souber que é falecido o tal irmão ou irmã cá os irmãos e irmãs [,] juizes e juizas que falecerem no ano em que servirem de [ilegível] duas missas no altar que [li

² Frei AGOSTINHO DE SANTA MARIA, Santuário Mariano. Lisboa, Pedrozo Galvão, de 1707 a 1721.

vigiliado?]; [ourasse] tanto que menor o irmão mandarão tocar o sino, e a campainha pelas ruas para acudirem todos os irmãos.³

A morte era levada a sério não só pela importância que o escravizado oriundo da África dava ao pós morte, mas por todo o trato que a própria igreja como instituição, conduzia as cerimônias públicas e cortejos, que eram ou pelo menos poderiam ser, os enterramentos.⁴

A pesquisa de dissertação de Raquel Christine Muniz Florêncio em “Viver e morrer sob o Rosário: irmandades negras e escravidão na América Portuguesa séculos XVIII e XIX”⁵ aborda a complexidade dos enterramentos e da vida dos irmãos dentro das irmandades negras, sobretudo as de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no contexto da escravidão na América portuguesa. Através de temas como a função social e religiosa das irmandades, e também refletir como espaços permitiam certa resistência à escravidão e ao mesmo tempo a integração destes indivíduos no contexto colonial, que era altamente segregador. Ademais, também refletiu sobre como a vida do irmão, independente de sua condição, orbitava em torno da devoção integral ao Rosário, inclusive depois da morte, garantindo a estes rituais fúnebres e missas póstumas.

Como apontamos a pesquisa de Julita Scarano no seu trabalho “*Devoção e escravidão*”⁶, pioneiro na temática, abordou o tema da irmandade e trouxe consigo uma perspectiva marxista, em voga à sua época na qual buscava analisar esses espaços como um lugar de controle social e de dominação, compreendendo a partir da questão da luta de classes. Nessa mesma abordagem segue o trabalho de Virgínia Maria Almoêdo Assis.

Em “Pretos e brancos a serviço de uma ideologia da dominação”⁷ Para a autora, a irmandade não era só um local onde se reproduzia a cultura dominante, mas locais de resistência e preservação da cultura negra. Para Almoêdo, as relações entre brancos e negros na irmandade poderiam se basear em cooperação mas também em tensões em alguns momentos.

Ela também reflete esses espaços como um lugar de construção de uma identidade coletiva, sociabilidades e apoio mútuo. A autora considera que esses espaços religiosos eram ao mesmo tempo uma ferramenta de controle por parte dos brancos e de resistência

³APEJE. Diversos: nº 05. COMPROMISSO da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de Igarassu, 1706.

⁴Almeida, Suely Creusa Cordeiro, **Entre a Terra e o Céu: irmandades leigas em Pernambuco** (séculos XVIII-XIX). 2019. pp. 100.

⁵FLORÊNCIO, Raquel Cristiane Muniz. **Viver e morrer sob o Rosário: rituais e práticas na Irmandade do Rosário na Vila do Recife no século XVIII**. Dissertação de Mestrado em História – UFRPE, Recife, 2011.

⁶SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII**. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1978.

⁷ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de. **Pretos e brancos a serviço de uma ideologia de dominação** (caso das Irmandades do Recife). Dissertação de mestrado em História - UFPE, Recife, 1988.

por parte dos negros, que preservaram mesmo apesar de todo aparato violento da escravidão, traços culturais e religiosos, através do sincretismo. Ou seja, sua perspectiva abordou a dualidade, e suas complexas interações sociais que moviam aqueles indivíduos a estarem ali, sob o credo do Rosário, para além de uma visão reducionista de que a irmandade só foi uma ferramenta de dominação.

Na pesquisa desenvolvida por Reis e Silva, nos anos 80, iniciou-se um debate em torno de adotar a perspectiva de “negociação e conflito”¹⁷ que busca destacar o papel da população escravizada como protagonista de sua própria história, afastando-se da dicotomia entre acomodação e resistência que era utilizada anteriormente pela historiografia. Nesta linha de compreensão em vez de ver as confrarias e irmandades apenas como espaços de submissão ou resistência, essa visão reconhece a complexidade das interações, onde os escravizados atuavam de forma ativa, negociando dentro dessas instituições. Os principais teóricos foram João José Reis em “A morte é uma festa”⁸ e em co-autoria com Eduardo Silva em “Negociação e Conflito”⁹.

Segundo esta nova abordagem, estudou-se a Irmandade como um espaço de resistência cultural e até sendo um “quilombo urbano”. Marcelo Maccord¹⁰ estudou a irmandade do Rosário do Recife no século XIX, em um período de intensas transformações sociais, ele explorou as disputas internas e externas da irmandade, mostrando como essas organizações não eram homogêneas.

Ele também entendeu a irmandade como um espaço de resistência social e cultural, onde negros poderiam exercer formas de poder e influência. Outro ponto de observação do autor foi a “corda bamba” em que os negros estavam entre elite branca e a igreja católica e como essa relação se baseava em negociações complexas, onde as irmandades buscavam autonomia e precisavam se submeter ao poder eclesiástico. Já Maria Aparecida Quintão, em “*Lá Vem Meu Parente*”¹¹, traz ao debate a importância das irmandades na criação de um senso de comunidade para as pessoas de cor, construindo uma identidade coletiva. Ela também destacou o que outros autores também pontuaram, a questão dos laços que eram construídos nesses espaços de ajuda mútua e sociabilidades, ao passo que estava inserido dentro do aparato religioso colonial, servia também como espaço de mediação de conflitos, dando-lhes certa margem de autonomia.

⁸REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. – 6ª reimpressão – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁹REIS, João José. SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.

¹⁰MAC CORD, Marcelo. **O Rosário de D. Antônio**: Irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2005.

¹¹QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Lá vem meu parente**: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (Século XVIII). São Paulo: Annablumme, 2002.

Por fim, temos a dissertação de Petrus José da Rocha Brandão¹², que se debruçou sobre a complexa organização interna das irmandades e como isso ajudou na resistência social e cultural. Semelhante a Maria Aparecida Quintão e Marcelo Mac Cord, que seguiram a mesma linha interpretativa, ao perceberem a irmandade como espaço de resistência e construção de laços, Brandão buscou entender a estrutura e o funcionamento interno dessa organização, observado suas práticas e modos. O autor percebeu que aquela estrutura organizada da irmandade permitiu a construção e laços de uma rede de apoio. Para ele, as transformações sociais sofridas no século XVIII, tiveram forte influência na vida social da capitania, sobretudo a ascensão e queda do ciclo do ouro.

O autor elenca alguns fatores importantes como crescimento demográfico e aumento do número de engenhos, o que refletiu na permanência de escravos na capitania, no que o autor pontua como um fator importante para as irmandades, isso favoreceu o surgimento e o crescimento delas. “*Praticamente todas as vilas tinham uma irmandade ou uma igreja do Rosário dos Homens Pretos[...]*”¹³. O autor relaciona a importância econômica das freguesias ao surgimento e crescimento das irmandades de negros, relacionando isto a produção de açúcar e/ou a um maior número de engenhos.

Depois que traçamos o panorama historiográfico sobre a irmandade do Rosário de Pernambuco e sua historiografia, vamos analisar no próximo tópico a Praça comercial do Recife, a partir das pesquisas sobre a entrada de africanos no Porto do Recife, para podermos compreender a década escolhida para análise e a entrada dos irmãos durante o auge da mineração no Estado do Brasil.

1.2 A Entrada de Africanos no Porto do Recife: do desembarque no porto da Senzala até a Irmandade durante as primeiras décadas do Setecentos

A primeira pesquisa a tratar sobre o comércio transatlântico de escravizados para o Porto do Recife, a partir das negociações de Pernambuco com a Costa da Mina foi do pesquisador Gustavo Acioli em sua tese de doutoramento, o qual explica que na virada do século XVIII, as grandes potências escravagistas da Europa aumentaram sua procura por mão-de-obra escravizada, fazendo as exportações aumentarem exponencialmente.¹⁴

¹²BRANDÃO, Petrus José da Rocha, **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Pernambuco**: organização religiosa de pessoas de cor no setecentos. Dissertação de Mestrado (História). Recife: PGH/UFRPE, 2019.

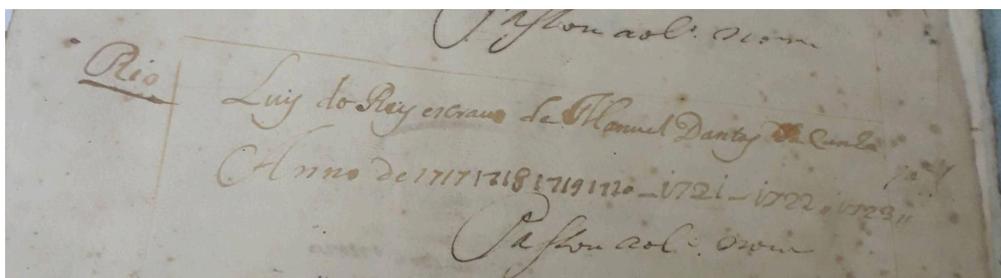
¹³ idem, pp. 183.

¹⁴Lopes, Gustavo Acioli, **Negócio da Costa da Mina e comércio atlântico**: tabaco, açúcar, ouro e tráfico de escravos, Pernambuco (1654-1760) . 2008. pp. 50.

O historiador explica que havia uma necessidade de itens que para os locais na Costa da Mina eram escassos, e o fato de os Portugueses disporem deles, garantia-lhes sucesso na missão de adquirir indivíduos.¹⁵ O tabaco produzido na Capitania de Pernambuco, aliado a outros produtos, sobretudo europeus e asiáticos, e o ouro contribuíram para a empresa escravista portuguesa sediada no Recife adquirir escravizados na Costa da Mina¹⁶, e a partir do porto do Recife introduzi-los em direção às Minas Gerais.

Portanto existia um fluxo contínuo de escravizados que eram deslocados ou redirecionados para a região das Minas seja por terra ou por mar, o que é comprovado pela existência de contratos de tributação sobre as pessoas escravizadas¹⁷, por meio da emissão de cartas guias pelos comerciantes na Provedoria da Fazenda Real de Pernambuco que permitia e autorizava a revenda destes africanos. Em nossa análise documental encontramos referências de irmãos que foram vendidos para o Rio, provavelmente para o Rio de Janeiro para seguir viagem para as Minas a partir do Caminho Novo. Vejamos o assento encontrado sobre os irmãos que saíram da Capitania de Pernambuco.

Imagem 01: exemplo de associado que foi ao Rio



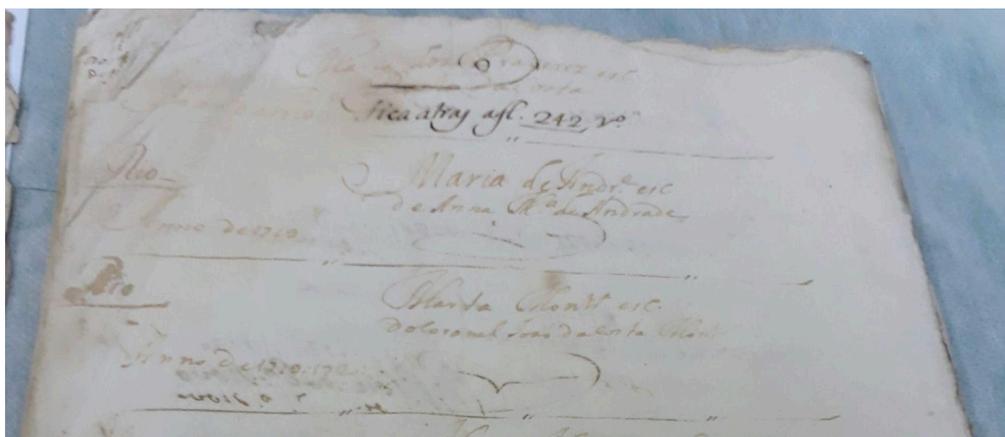
Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 .

¹⁵Lopes, Apud, David Richardson, pp. 50.

¹⁶Idem. pp.53

¹⁷Oliveira, Luanna Maria Ventura dos Santos. **A tributação sobre os escravizados no Porto do Recife e suas conexões no Império Português (1699-1750)** / Luanna Maria Ventura dos Santos Oliveira. – 2021. pp. 246,

Imagem 02: outros dois exemplos de associados que foram enviados ao Rio.



Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838.

A partir da análise do livro de irmãos podemos concluir que existia uma estabilidade maior aos escravizados, livres e forros que estavam dentro da Irmandade do Rosário, o que promoveu uma permanência destes irmãos e um menor deslocamento em detrimento ao movimento de revenda de pessoas escravizadas para a região das Minas Gerais. Visto que encontramos apenas poucos casos, na década analisada.

Inserido em uma complexa teia mercantil, que envolvia diversos agentes mercantis portugueses e comerciantes estancques na Vila que comercializavam em diversas regiões do continente africano e adentravam ao Porto do Recife, no primeiro quartel do século XVIII. O porto e a vila possuíam fortificações para proteção da praça comercial que ostentava um comércio forte, tanto de grosso trato quanto o comércio miúdo. O seu porto era o terceiro mais movimentado da colônia, com Provedoria e Alfândega, que regulavam a movimentação portuária.¹⁸

Os escravizados que entraram no Porto do Recife, desembarcaram no Porto da Senzala, o qual ficava na parte do Rio da Praça comercial, próximo à ponte. Nesta região era localizada aos fundos da Rua do Açougue que mudou de nome para rua das senzalas no século XVIII, tendo essas casas provavelmente quintais para o Porto da Senzala, facilitando o desembarque e acomodação dos africanos recém-chegados¹⁹.

¹⁸ Oliveira, Luanna Maria Ventura dos Santos. **A tributação sobre os escravizados no Porto do Recife e suas conexões no Império Português (1699-1750)** / Luanna Maria Ventura dos Santos Oliveira. – 2021. p. 18.

¹⁹ Idem, p. 75.

Imagem 03: O porto do Recife e o porto da senzala.

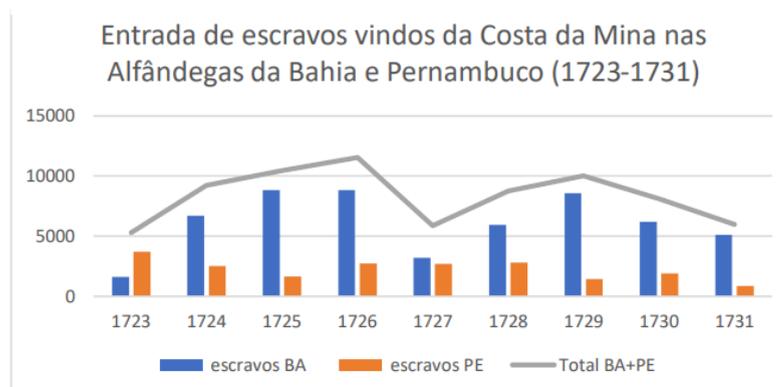


Fonte: Navegação pelo Porto do Recife até o ancoradouro da Senzala. Fonte: ANTT: Manuscrito do Brasil. Descrição de Pernambuco, liv. 43 *Apud*. Oliveira, Luanna M. V. S. *Op.cit*, 2021.

O fluxo de escravizados entrava e depois se moviam para o interior da colônia, integrando o Recife a região das Minas por terra e ao Rio de Janeiro, mar. Nos livros de entrada e saída de irmãos do Rosário que analisamos, encontramos casos de irmãos que tinham uma pequena observação no seu nome “foy ao Rio”, ou “Rio” essa observação, registrava a saída daquele associado o que corrobora com a historiografia que demonstra esse grande fluxo. Porém como já argumentamos anteriormente, não temos um grande número de irmãos sendo deslocados.

Lopes mostra a grande quantidade de tabaco enviado do porto do Recife à Costa da Mina nos anos proposto nesse trabalho, um dos principais produto de troca por escravizados no território africano o que favoreceu o comércio de africanos e sua entrada tanto na alfândega da Bahia quanto de Pernambuco.

Gráfico 1: Entrada de escravos



Fonte: Retirada da tese de Luanna Oliveira . A tributação sobre os escravizados no Porto do Recife e suas conexões no Império Português (1699-1750) / Luanna Maria Ventura dos Santos Oliveira. – 2021.

1.3 Entre Irmãos e Senhores: análise sobre os dados

Neste item do artigo, abordaremos a origem da Irmandade do Rosário dos Pretos, e como funcionava a irmandade. Também falaremos sobre a condição/ qualidade dos irmãos associados. Com o levantamento feito a partir dos livros de entrada e saída, analisaremos a condição dos irmãos associados, usaremos como principal fonte um importante documento da irmandade do Rosário do Recife, que eram as atas de entradas e saídas de irmãos associados.

A partir desses, documentos reguladores onde eram sistematizados os direitos e deveres das irmandades, e as entradas e saídas de irmãos, tivemos uma compreensão mais abrangente sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e sua relação com a dinâmica escravista, além de identificar os principais senhores que permitiam a entrada de seus escravizados na Irmandade.

Na irmandade havia um corpo dirigente, chamado de Mesa, e os que compunham essa mesa diretora tinham direito a voto em questões administrativas. Normalmente, as irmandades tinham sempre por objetivo construir sua própria igreja, saindo, portanto, dos altares auxiliares de outras capelas. Enquanto estavam nesses altares, buscavam angariar fundos para a construção de seu próprio oratório, enquanto iam mantendo sua devoção. Quando isso acontecia, a construção de sua própria igreja, dava àquela irmandade negra prestígio e uma participação mais ativa no cenário local, o que facilitava a inserção do indivíduo naquela determinada paróquia.

Uma forma de angariar fundos era através das festas e das coroações dos Rei e Rainha do Congo, que aconteciam dentro do calendário católico com a benção da igreja, Brandão explica que desde 1666 já havia relatos de viajantes falando desse rito de rei e rainha dentro do cortejo da irmandade²⁰:

Após irem à missa, cerca de quatrocentos homens e cem mulheres, elegeram um rei e uma rainha, e marcharam pelas ruas cantando, dançando e recitando os versos que fizeram, acompanhados de oboés, trombetas, tambores bascos. Estavam vestidos com as roupas de seus senhores e senhoras, com correntes de ouro e brincos de ouro e perola, alguns [estavam] mascarados. Todas as diversões dessa cerimônia lhes custaram cem escudos. O rei e seus oficiais não fizeram nada em toda essa semana, além de andarem solenemente, com a espada e a adaga ao seu lado²¹

²⁰BRANDÃO, Petrus José da Rocha, **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Pernambuco**: organização religiosa de pessoas de cor no setecentos. Dissertação de Mestrado (História). Recife: PGH/UFRPE, 2019, pp. 150.

²¹BBM. NELSON, Papavero. VASCONCELOS, Argus de Almeida. TEIXEIRA, Dante Martins. **A estada em Pernambuco**, em 1666, de François de Lopis, marquês de Mondevergue, segundo o relato de Souchu de Rennefort (1688): habitantes, costumes, escravidão, tapuias, comércio, animais e frutos, e a conjuração contra Jerônimo de Mendonça Furtado. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2016. p. 31.

Florêncio ao citar Marina de Mello e Souza mostra como os africanos, ao coroar reis e rainha dentro do contexto da irmandade, buscavam um refazimento de suas identidades²² e construção de laços comunitários, ao redor da figura do rei e rainha.

Era um objetivo comum às irmandades, de construir suas próprias igrejas de devoção, esteve presente tanto de irmãos de cor, como de brancos justificando a existência de alto número de igrejas coloniais no Recife, Olinda e Ouro Preto. Também buscamos entender como esses irmãos negros buscavam independência desses irmãos brancos nas irmandades, pois sempre estavam as voltas de tensões, em relação a mesa diretora, havia alguns impedimentos que os negros associados tinham, estritamente em relação a sua cor. Isso não era uma conduta generalizada dentro da administração das irmandades, tendo em vista que em algumas a mesa diretora era composta por negros também.

Nos termos de compromisso, a questão da condição do escravizado parece ter um peso maior, trazendo sempre à tona sua condição social. Talvez por ser um documento balizador de regras da organização, submetido à Coroa. Já nas atas que consultamos, vimos que a condição não importava para fazer parte da irmandade, pois eram admitidos tanto forros como escravizados. Em relação à origem dos membros da irmandade, foi possível identificar o local de origem desses membros. Com a nossa análise da amostra dos livros de entrada e saída²³, encontramos 10 irmãos e irmãs que tinham sobrenome Costa, sem ter relação com o nome de seu proprietário.

O que acreditamos está relacionado com o alto número de pessoas escravizadas, que nas décadas que nos propusermos a estudar, foram trazidas para a colônia a partir do porto do Recife, da Costa da Mina e os que aparecem vazios provavelmente eram da região de Angola.

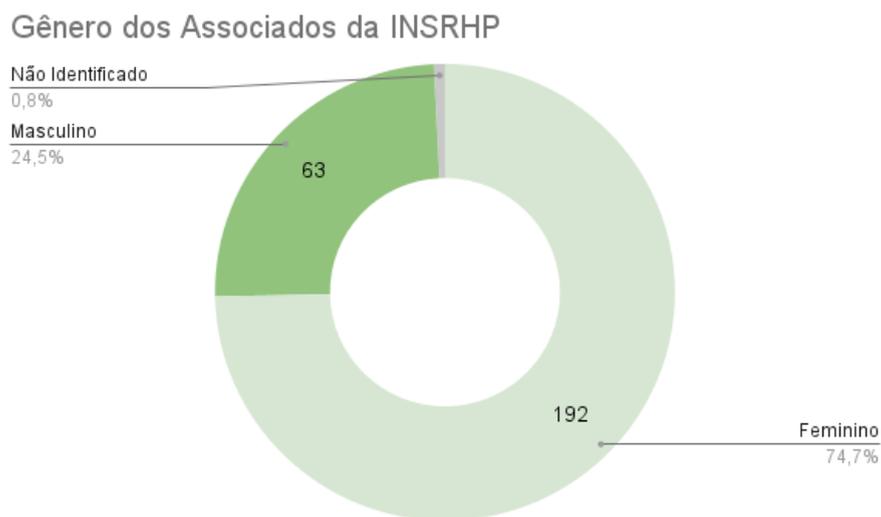
Em outros casos localizamos uma quantidade significativa de pessoas brancas livres inseridas dentro da I.N.S.R.H.P, também encontramos mulheres e filhas de militares importantes nos livros de ata, percebendo que mesmo que não houvesse nessas pessoas uma busca por identidade étnica e a reconstrução de laços sanguíneos, havia o interesse na devoção ao Rosário, talvez muito mais importante para os irmãos de cor, que além do amparo da irmandade em vida, buscavam também depois da morte.

²²FLORENCIO, Raquel Cristiane Muniz. **Viver e morrer sob o Rosário**: rituais e práticas na Irmandade do Rosário na Vila do Recife no século XVIII. Dissertação de Mestrado em História – UFRPE, Recife, 2011. pp, 17.

²³Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. Nº Lab. 1838.

Outro dado relevante é que as mulheres foram maioria na irmandade dentro do recorte proposto, sobretudo escravizadas. Não obstante, localizamos mulheres brancas, filhas e mulheres de militares e beatas que estavam associadas à irmandade. Mulheres negras ganhadeiras que viviam nesse contexto urbano, estavam inseridas dentro de importantes redes de comércio legais ou ilegais, e na construção de liberdades, através das alforrias²⁴.

Gráfico 2: Amostra por gênero



Fonte:Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 . Elaborado pelo autor, 2024.

A professora Suely, em seu artigo Ganhadeiras, Trabalho Feminino nas Ruas do Recife Setecentista²⁵, afirma que as ruas do Recife eram *monocromáticas*, devido ao grande número de mulheres negras, com as mais variadas profissões que circulavam nas ruas do Recife, inclusive possuindo escravizados²⁶. Na documentação²⁷ que pesquisamos encontramos o caso de escravizadas que possuía escravizados inscritos na Irmandade: Igenes de Freytas, mulher parda, que tinha um escravizado por nome de Mauricio de Freytas que ficou na irmandade de 1723 a 1725.²⁸

²⁴Almeida, Suely Creusa. **Ganhadeiras**: Trabalho Feminino nas Ruas do Recife, Setecentista. Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial–Caderno Temático: “Africanos, escravizados, libertos, biografias, imagens e experiências atlânticas”. Agosto de 2020, pp. 53.

²⁵ Idem.

²⁶Almeida, Suely Creusa, APUD, (RUSSEL-WOOD, 2005; FIGUEIREDO, 1993; CARVALHO, 2002)

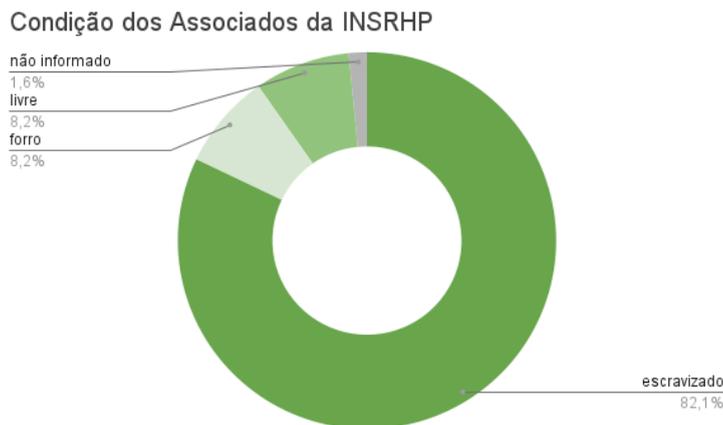
²⁷Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 .

²⁸ Idem.

No livro de atas que analisamos encontramos mulheres forras, escravizadas, brancas livres, filhas de militares, viúvas e “viúva de” e logo em seguida o nome do marido falecido, o que nos sugere que não eram só as mulheres negras que buscavam a irmandade, mas também outras de condição diferente. Considerando que para as negras escravizadas e forra a irmandade era o ponto de apoio e construção de laços sociais com seus semelhantes.

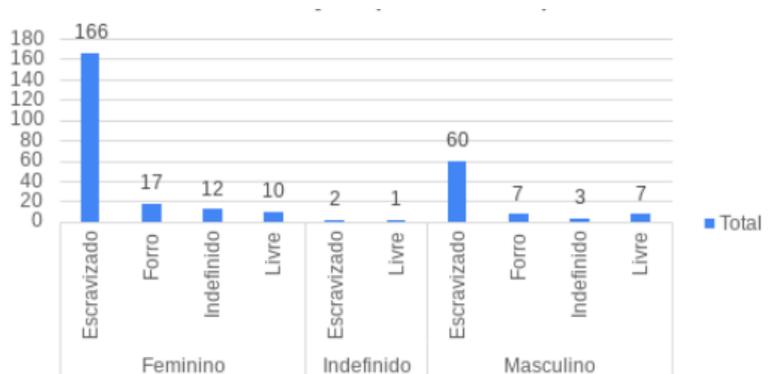
Para Almeida, a hierarquização da sociedade colonial refletia-se não somente nas patentes que eram dadas as negras governadoras forras, mas também dentro da própria irmandade, havia segundo ela, redefinido as *qualidade* através da mudança de sua condição entre negros. Inclusive dentro da própria irmandade havia essa diferenciação a partir do momento em que se coroava o Rei e a Rainha de Congo, estabelecendo-se uma hierarquia verticalizada.

Gráfico 3: Amostra por condição



Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 . Elaborado pelo autor, 2024.

Gráfico 4: Perfil da Irmandade do Rosário

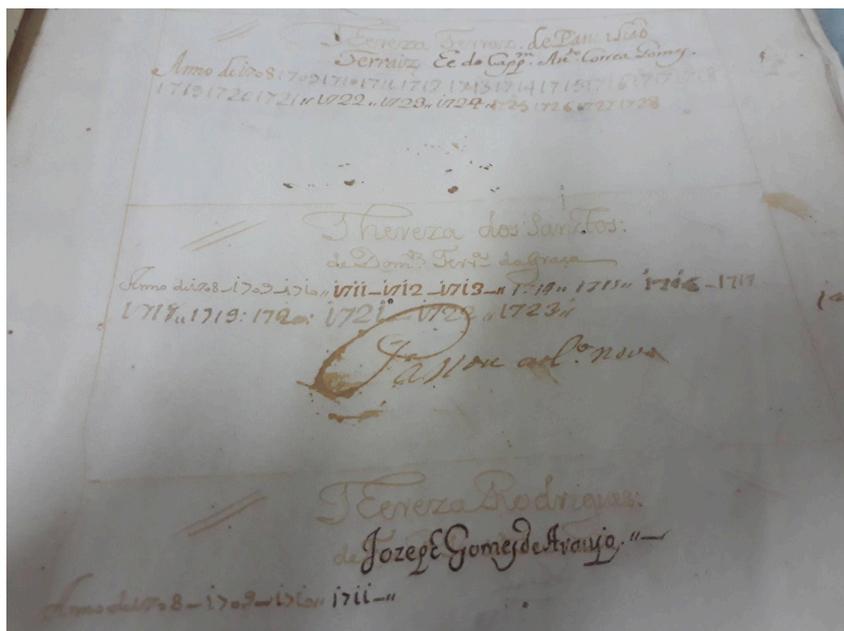


Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 . Elaborado pelo autor, 2024.

Na amostragem constatamos que existia um alto número de mulheres negras associadas ao Rosário, com as mais variadas condições. Também encontramos casos em que a condição não estava definida na fonte. O alto número de mulheres ganhadeiras que havia no perímetro urbano do Recife, segundo a professora Suely, se refletia nos números de irmãs associadas à irmandade, entre as décadas de 1718-28;

Brandão também identificou um alto número de mulheres na irmandade do Rosário, o que para ele pode estar relacionado com a participação efetiva dessas mulheres no interior dessa organização²⁹. O que pudemos concluir foi que além do número maior de mulheres inscritas na irmandade no nosso recorte, elas permaneciam mais tempo, e tinham um número maior de livres e libertas. Já em relação aos irmãos eles eram mais vendidos do que as mulheres e constavam como mortos algumas vezes, o que nos levou a refletir que o irmão associado escravo tinha sua saúde muito mais exposta por conta das agruras do trabalho forçado, e por conseguinte morria-se mais, do que as irmãs que em sua maioria eram ganhadeiras ligadas ao comércio de trato miúdo.

Imagem 01: Irmã associada com anuidades pagas por um longo período de tempo:



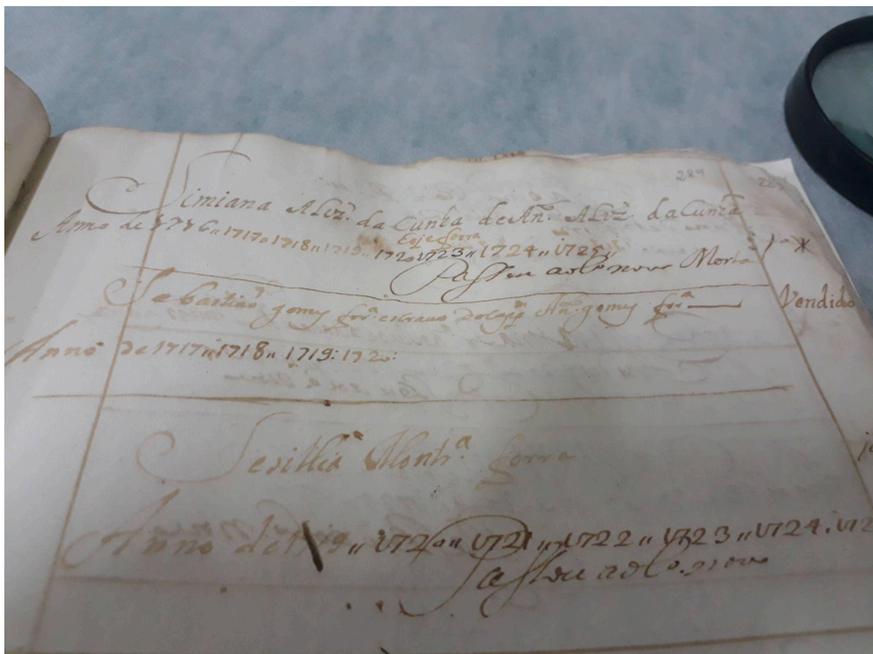
Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 . Elaborado pelo autor, 2024.

Já na maioria dos casos em que analisamos os irmãos vimos que eles passavam menos tempo inscritos, o que indica a vida curta do homem escravizado do contexto

²⁹ BRANDÃO, Petrus José da Rocha, **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Pernambuco**: organização religiosa de pessoas de cor no setecentos. Dissertação de Mestrado (História). Recife: PGH/UFRPE, 2019, pp. 185.

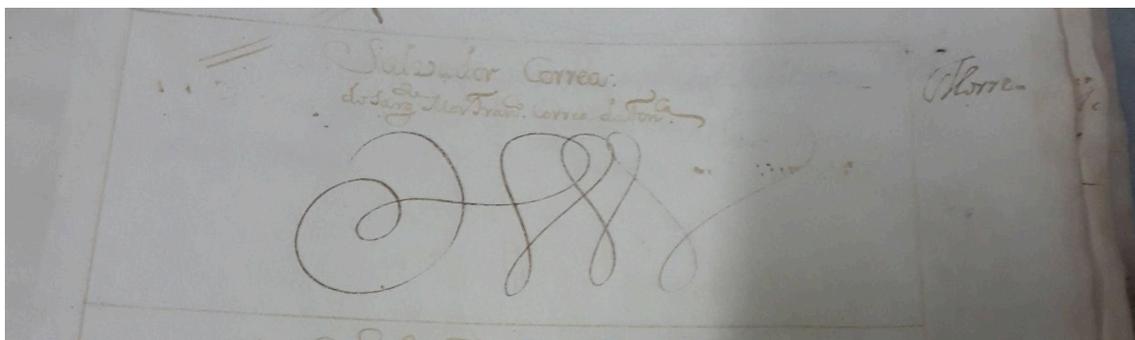
urbano. Foram vários casos que encontramos anotação como “morreo” no nome dos irmãos associados, quando esse só constava no livro só alguns anos, ou “vendido”.

Imagem 02: Irmão constando com poucas anuidades pagas, tendo sido vendido.



Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 . Elaborado pelo autor, 2024.

Imagem 03: Irmão constando como morto



Fonte: Arquivo geral, 5ª Superintendência Regional / IPHAN/PE. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. livro de entrada e saída de irmãos (1715-1730). séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838 . Elaborado pelo autor, 2024.

Conclusão

Com a sistematização dos dados da I.N.S.R.H.P, através de planilha em excel, analisamos o livro de entrada e saída dos irmãos, nosso objetivo foi entender a dinâmica da escravidão e da resistência a partir da condição dos irmãos associados, permanência na irmandade, e o trânsito dentro colônia. A historiografia aponta que de acordo com a descobertas do ouro nas Minas Gerais, grande efetivo de escravizados circulou na

colônia em direção ao sudeste brasileiro, porém localizamos poucos irmãos escravizados no levantamento que tinha uma observação em seus nomes “foy ao rio” no que deduzimos que era justamente fazer parte de uma irmandade e professar a fé católica que repelia ser integrado ao circuito do ouro, em direção às minas.

Criamos a hipótese que estar associado a uma irmandade, funcionava como um meio de proteção e diminuição da venda destes irmãos, sendo portanto, através dos laços de sociabilidade e distinção social para os proprietários importante manter e permanecer com alguns escravizados em uma irmandade negra. Outro ponto que podemos cogitar é que a maioria dos irmãos eram trabalhadores doméstico ou escravizados de ganho, os quais geravam lucros para seus senhores o que tornavam menos atrativos para o envio para as Minas, os quais eram selecionados os mais fortes e robustos para o trabalho árduo das Minas de ouro.

Com isso, podemos intuir que, mesmo com todo aparato colonial de escravidão, a irmandade do Rosário, tão intimamente inserida na praça comercial da Capitania de Pernambuco, foi um associação que ao mesmo tempo que reproduzia ao negro determinado local social de subalternidade e escravidão, serviu como um organismo que permitiu ao negro, das mais variadas condições e qualidades, sobretudo as mulheres que estavam em maior número na Irmandade, alguma melhora e estabilidade na sua condição entre os seus irmãos de cor. Podemos concluir que tanto a fé, disfarçada ou não ao Rosário de Nossa Senhora, quanto o comércio, foram usados para que se ganhasse algum benefício ou melhora na sua condição de vida na praça comercial do Recife, seja para africanos ou seus descendentes nascidos no Brasil.

Referências Bibliográficas

Almeida, Suely Creusa Cordeiro. **Entre A Terra E O Céu: Irmandades Leigas em Pernambuco (Séculos XVIII-XIX)**. 2019. Pp. 100. Editora Universitária Da Ufrpe. 1, Ed. - Recife: Eduferpe, 2019. 158. P. : II;

Almeida, Suely Creusa. **Ganhadeiras: Trabalho Feminino Nas Ruas Do Recife Setecentista**. Revista Da Abpn • V. 12, N. Ed. Especial–Caderno Temático: “Africanos, Escravizados, Libertos, Biografias, Imagens e Experiências Atlânticas”. Agosto De 2020, Pp. 53;

Apeje. Diversos: Nº 05. **Compromisso Da Irmandade De Nossa Senhora Do Rosário Dos Homens Pretos Da Vila De Igarassu, 1706;**

Arquivo Geral, 5ª Superintendência Regional / Iphan/Pe. Irmandade De Nossa Senhora Do Rosário Dos Homens Pretos. **Livro De Entrada E Saída De Irmãos (1715-1730)**. Séc XVIII. Cx. 02. 29/01/2009. N° Lab. 1838;

Assis, Virgínia Maria Almoêdo De. **Pretos E Brancos A Serviço De Uma Ideologia De Dominação (Caso Das Irmandades Do Recife)**. Dissertação De Mestrado Em História - Ufpe, Recife, 1988;

Bbm. Nelson, Papavero. Vasconcelos, Argus De Almeida. Teixeira, Dante Martins. **A Estada Em Pernambuco, Em 1666, De François De Lopis, Marquês De Mondevergue, Segundo O Relato De Souchu De Rennefort (1688): Habitantes, Costumes, Escravidão, Tapuias, Comércio, Animais E Frutos, E A Conjuração Contra Jerônimo De Mendonça Furtado**. São Paulo: Instituto De Estudos Brasileiros, 2016. P. 31;

Brandão, Petrus José Da Rocha. **As Irmandades De Nossa Senhora Do Rosário Dos Homens Pretos Em Pernambuco: Organização Religiosa De Pessoas De Cor No Setecentos**. Dissertação De Mestrado (História). Recife: Pgh/Ufrpe, 2019;

Florêncio, Raquel Cristiane Muniz. **Viver E Morrer Sob O Rosário: Rituais E Práticas Na Irmandade Do Rosário Na Vila Do Recife No Século XVIII**. Dissertação De Mestrado Em História – Ufrpe, Recife, 2011

Frei Agostinho De Santa Maria, Santuário Mariano. Lisboa, Pedrozo Galvão, De 1707 A 1721;

Lopes, Gustavo Acioli. **Negócio Da Costa Da Mina E Comércio Atlântico: Tabaco, Açúcar, Ouro E Tráfico De Escravos, Pernambuco (1654-1760)**. 2008. Tese (Doutorado Em História Econômica) - Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas, Universidade De São Paulo, São Paulo, 2008;

Mac Cord, Marcelo. **O Rosário De D. Antônio: Irmandades Negras, Alianças E Conflitos Na História Social Do Recife, 1848-1872**. Recife: Ed. Universitária Ufpe, 2005;

Oliveira, Luanna Maria Ventura Dos Santos. **A Tributação Sobre Os Escravizados No Porto Do Recife E Suas Conexões No Império Português (1699-1750)**. Dissertação (Mestrado Em História) - Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2021;

Quintão, Antonia Aparecida. **Lá Vem Meu Parente: As Irmandades De Pretos E Pardos No Rio De Janeiro E Em Pernambuco (Século XVIII)**. São Paulo: Annablumme, 2002;

Reis, João José. **A Morte É Uma Festa: Ritos Fúnebres E Revolta Popular No Brasil Do Século XIX**. – 6ª Reimpressão – São Paulo: Companhia Das Letras. 1991;

Reis João José. **Identidade E Diversidade Étnicas Nas Irmandades Negras No Tempo Da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 2, N°. 3, 1996, P. 7-33;

Reis, João José & Silva, Eduardo. **Negociação E Conflito: A Resistência Negra No Brasil Escravista**. São Paulo: Editora Companhia Das Letras, 1989;

Scarano, Julita. **Devoção E Escravidão: A Irmandade De Nossa Senhora Do Rosário Dos Pretos No Distrito Diamantino No Século Xviii**. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1978.